

DESENVOLVIMENTO GEOECONÔMICO-REGIONAL: A GEOGRAFIA DA INDÚSTRIA NO SUDOESTE PARANAENSE

Bruno Saggiorato¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Florianópolis, SC, Brasil



Enviado em 11 dez.. 2023 | Aceito em 15 out. 2024

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a dinâmica geoeconômica do setor industrial na mesorregião Sudoeste Paranaense, principalmente pós anos 2000 e, ainda, debater alguns aspectos referentes ao desenvolvimento regional e ao papel da indústria e do planejamento econômico. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e a análise de dados dos principais repositórios, como, por exemplo, a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Utilizou-se, além disso, a categoria de Formação Sócio-Espacial (SANTOS, 1977) como norte teórico. Em síntese, conclui-se que a mesorregião Sudoeste Paranaense apresenta uma industrialização recente, mais precisamente pós anos 1970, período de gênese, evolução e consolidação do setor na região, que se concentra principalmente em três municípios: Pato Branco, Francisco Beltrão e Dois Vizinhos. Também é válido destacar que a indústria nessa região apresentou forte crescimento pós anos 2000.

Palavras-chave: Industrialização; Geografia Econômica; Desenvolvimento Regional.

GEOECONOMIC-REGIONAL DEVELOPMENT: THE GEOGRAPHY OF INDUSTRY IN SOUTHWESTERN PARANÁ

Abstract: The aim of this article is to analyze the geo-economic dynamics of the industrial sector in the southwestern mesoregion of Paraná, especially after the 2000s, and also to discuss some aspects relating to regional development, the role of industry and economic planning. The methodology adopted was bibliographical research and analysis of data from the main repositories, such as the Annual Social Information Report (RAIS), the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), and the category of Socio-Spatial Formation (SANTOS, 1977) was used as a theoretical guide. In summary, we conclude that the Southwest Paranaense mesoregion has experienced recent industrialization, more precisely since the 1970s, a period of genesis, evolution and consolidation of the sector in the region, which is mainly concentrated in three municipalities: Pato Branco, Francisco Beltrão and Dois Vizinhos. It is also worth noting that industry in this region has shown strong growth since the 2000s.

Keywords: Industrialization; Economic Geography; Regional Development.

EVOLUCIÓN GEOECONÓMICO-REGIONAL: LA GEOGRAFÍA DE LA INDUSTRIA EN EL SUDOESTE DEL PARANÁ

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar la dinámica geoeconómica del sector industrial en la mesorregión sudoeste de Paraná, especialmente a partir de la década de 2000, así como discutir algunos aspectos relacionados con el desarrollo regional, el papel de la industria y la planificación económica. La metodología adoptada fue la investigación bibliográfica y el análisis de datos de los principales repositorios, como el Informe Anual de Información Social (RAIS), del Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (IBGE), y se utilizó como guía teórica la categoría de Formación Socioespacial (SANTOS, 1977). En síntesis, se concluye que la mesorregión sudoeste de Paraná ha experimentado una industrialización reciente, más precisamente a partir de la década de 1970, período de génesis, evolución y consolidación del sector en la región, que se concentra principalmente en tres municipios: Pato Branco, Francisco Beltrão y Dois Vizinhos. Cabe destacar también que la industria en esta región ha registrado un fuerte crecimiento a partir de la década de 2000.

Palabras clave: Industrialización; Geografía Económica; Desarrollo Regional.

1. Doutorando em Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2062-9362>. E-mail: saggiorato38@gmail.com.



Introdução

A indústria é, inequivocamente, um setor crucial para o desenvolvimento econômico das nações² (KON, 1999; LAMOSO, 2019 e 2022), cumprindo importante papel na dinâmica do espaço geográfico brasileiro. No marco de um projeto nacional que objetive desenvolver as forças produtivas e as relações de produção, tal setor demanda atenção especial, quer dizer, formulação/execução de políticas/diretrizes e investimentos condizentes com a realidade.

No Brasil, esse setor ganhou novos rumos em 1990 no contexto de avanço do imperialismo, crise interna e mudanças no pacto de poder (MEDEIROS, 2017; FIORI, 2002). A partir de então, deixou-se de planejar os rumos do setor, como vinha ocorrendo no período de industrialização do país – 1930 a 1980 (SUZIGAN, 1988). A esse processo recente convencionou-se chamar de desindustrialização³ (BRESSER-PEREIRA, 2016; OREIRO e FEIJÓ, 2010; CANO, 2012).

Entretanto, quando se analisa as dinâmicas regionais, percebem-se processos de desenvolvimento que não espelham à imagem e semelhança os dados gerais do país. Porém, isso não significa dizer que a região não é afetada pelas políticas federais; ao contrário - o que obriga a estudar mais detalhadamente a formação social brasileira.

O que foi dito anteriormente permite a afirmação de que a desindustrialização é um processo setorial e regional no Brasil, ou seja, não atinge todas as regiões e todos os setores na mesma intensidade (CÁRIO et al, 2018; MORCEIRO e GUILHOTO, 2019). É necessário verificar como o setor industrial desenvolveu-se nas diversas porções territoriais. Sem esse cuidado, corre-se o risco de perder de vista a realidade concreta, tal como ela é.

Do ponto de vista da desindustrialização setorial, o professor Paulo Morceiro (2019) demonstra que tal processo ocorre substancialmente em segmentos considerados de média e alta tecnologia. Já no sentido da desindustrialização regional, as pesquisas realizadas pelos Geógrafos têm muito a contribuir, sobretudo os interessados no campo da Geografia econômica-regional.

Diante dessas formulações, cabe aqui mencionar que, “[...] no sentido geográfico, o desenvolvimento é necessariamente não-equilibrado. O progresso e o atraso [...] podem coexistir numa grande proximidade espacial” (HIRSCHMAN, 1961, p. 276-277). Daí a importância dos recortes regionais, que evidenciam desequilíbrios e diferenciações na formação social brasileira.

Julga-se que é fundamental “[...] mergulhar no concreto e no histórico para captar e apreender as manifestações concretas dos fenômenos inerentes à dimensão espacial do processo de desenvolvimento capitalista em cada situação específica” (BRANDÃO, 2012, p. 67).

Nesse contexto, o objetivo do presente texto é debater brevemente aspectos sobre desenvolvimento regional, e principalmente compreender a dinâmica geoconômica da indústria no Sudoeste do Paraná, sobretudo após os anos 2000, partindo da seguinte problemática: como se caracteriza o setor industrial nessa região e o que explica tal configuração? Para alcançar tal objetivo

² “Meu destaque para a indústria é porque comungo da corrente que entende ser a indústria um motor de crescimento, que demanda progresso técnico e que, o progresso técnico, pode proporcionar melhoria na qualidade de vida das pessoas, como por exemplo, ofertando maior quantidade de calorias per capita. “Pode proporcionar” porque não se trata de processo automático, quem define a apropriação e a distribuição de riqueza é a Política, não a Economia, nem a Técnica em si mesmas. O progresso técnico, ao reduzir nosso tempo e esforço físico em atividades básicas, nos permite tempo para a cultura, para o lazer, para discutir as diferenças de salário, de gênero e de acesso (Lamoso, 2019, p. 255).

³ Para obter mais detalhes sobre o assunto, ver Hiratuka e Sarti (2017), que apresentam um excelente panorama desse debate, mostrando as suas diversas nuances e interpretações.

e responder a essas questões, optou-se pela categoria de Formação Sócio-Espacial (FSE)⁴ como aporte teórico e o uso do método de pesquisa exploratório-explicativo⁵.

Por sua vez, a metodologia seguiu os seguintes passos: I) levantamento bibliográfico de artigos, dissertações, teses e livros que tratam das principais temáticas abordadas, como o desenvolvimento do Sudoeste Paranaense, o papel da indústria, o planejamento econômico, as dinâmicas regionais entre outros, procurando organizar uma discussão a partir de diversos autores. II) Em um segundo momento, efetuou-se o levantamento de dados industriais, utilizando a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) para indicadores de empregos totais e por setores da indústria de transformação (CNAE 2.0) nos municípios da região, e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para dados da participação da indústria no PIB e o valor adicionado bruto (VAB) da indústria a preços correntes. Esses dados receberam tratamento para confecção de tabelas, gráficos e cálculos de porcentagens, com o intuito de comparar e visualizar a dimensão do fenômeno. A escolha desses índices se deu por conta de uma certa carência de dados industriais a nível municipal, como, por exemplo, a não disponibilidade do valor da produção de setores da indústria por município, o que permitiria aprofundar a análise. III) Por fim, mesclando as bases teóricas com os dados e informações obtidas nas etapas anteriores, realizaram-se esforços para expor uma análise qualitativa, chegando a algumas conclusões.

Para contextualizar, pode-se dizer que a mesorregião Sudoeste Paranaense apresenta uma industrialização recente, mais precisamente pós anos 1970, período de gênese, evolução e consolidação do setor na região, que se concentra principalmente em três municípios: Pato Branco, Francisco Beltrão e Dois Vizinhos, como será exposto mais detalhadamente ao longo do artigo.

O texto divide-se em duas partes, além dessa seção introdutória e das conclusões: a primeira é dedicada a uma breve discussão sobre indústria, desenvolvimento regional e planejamento, e a segunda apresenta a dinâmica do setor industrial na mesorregião já mencionada, com recorte temporal a partir dos anos 2000.

Desenvolvimento Geoeconômico-Regional, Indústria e Planejamento

No estágio atual de desenvolvimento do modo de produção capitalista, marcado pela financeirização, crises cíclicas cada vez mais recorrentes, acirramento da disputa geopolítica entre blocos de poder e deslocamento do centro industrial do mundo para a Ásia, com destaque para a China, debater o processo de desenvolvimento em regiões periféricas torna-se objeto de estudo obrigatório nas Ciências Humanas para buscar novos caminhos, visando saltos qualitativos e uma verdadeira emancipação dos povos periféricos.

Desde o fim da segunda guerra mundial, a problemática do desenvolvimento econômico tem se tornado cada vez mais central no pensamento teórico da economia. Segundo Lewis (1966, p. 1), "Since the end of Second World War most countries of Asia, Africa and Latin America have published one or more 'Development Plans'".

⁴ "Partindo do pressuposto de que a noção de formação social está ligada à evolução de uma dada sociedade em sua totalidade histórico-concreta, Milton Santos demonstra que ela não pode ser tratada sem a noção de espaço geográfico, afinal este aparece tanto como produto quanto como uma condição da (re)produção social. Assim é que a noção adquire o status de formações históricas e geograficamente localizadas, isto é, formações sócio-espaciais" (Espíndola e Silva, 1997, p. 62-63).

⁵ De acordo com Gil (2008, pp. 27-28), as pesquisas exploratórias [...] envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso"; já as explicativas [...] têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos".

Anteriormente, o desenvolvimento econômico tinha menos espaço entre os economistas, sobretudo nos países do centro do capitalismo, onde a ocorrência do desenvolvimento era considerada espontânea. Esse quadro começou a mudar com a ascensão de países socialistas, como URSS e China, cujas nações partiram do subdesenvolvimento e, por meio da planificação econômica, apresentaram rápido crescimento. A despeito de trajetórias distintas de outras experiências socialistas, o uso do planejamento foi determinante para que os economistas do mundo voltassem sua atenção para as questões do desenvolvimento (LANGE, 1986).

O desenvolvimento econômico pode ser conceituado como aumento do produto per capita. Usamos aqui a expressão produto p/c, ao invés da usual renda p/c, porque o termo renda adquiriu modernamente conotação inconveniente. O produto per capita é quociente de uma razão cujo primeiro – numerador – é o fluxo de utilidades geradas no país em um ano, enquanto o segundo é a população, no mesmo ano. Quando um país se desenvolve, cresce o quociente, o qual é também maior nos países mais desenvolvidos, que nos menos desenvolvidos. Ora, o objetivo do projetamento econômico é promover o desenvolvimento e, portanto, a expansão desse quociente (RANGEL, [1959] 1987, p. 79-80).

Por conseguinte, o desenvolvimento econômico⁶ de uma nação pode ser definido como o “processo de acumulação de capital e incorporação de progresso técnico ao trabalho e ao capital que leva ao aumento da produtividade, dos salários, e do padrão médio de vida da população” (BRESSER-PEREIRA, 2008, p. 01).

Não se pode discutir desenvolvimento econômico sem planejamento. Nesse sentido, as ideias de Rangel ([1959] 1987), Jabbour, Dantas e Espíndola (2019) e Jabbour e Gabrieli (2021) vêm demonstrando que, na China, surge uma nova Formação Econômico-Social (FES) de orientação socialista, onde o projetamento é central, ou seja, trata-se de uma economia movida por grandes projetos levados adiante pelo Partido Comunista Chinês. Continuando o desenvolvimento deste tema, é preciso considerar as condições da economia nacional e suas demandas concretas.

Do que ficou dito podemos estabelecer um princípio de validade geral: *não há planejamento em abstrato*. A natureza dessas operações muda com a estrutura e com a problemática contingente da economia de que se trata, donde se depreende a necessidade de definir previamente a estrutura e a problemática de nossa economia. Não há planejamento em geral, mas planejamento e projetamento em condições específicas, concretas, isto é, particulares (RANGEL, 1956, p. 263).

Conforme Fresca (2010, p. 127), “A discussão em torno do desenvolvimento regional continua a ser temática de crucial importância e atualidade na geografia, mas não tem recebido maior atenção”. Ainda de acordo com Fresca (2010, p. 119), “deve-se entender que o desenvolvimento regional se realiza diferenciadamente entre regiões e redes urbanas, vinculado à diferentes formações socioespaciais, mas desigual e combinadamente”.

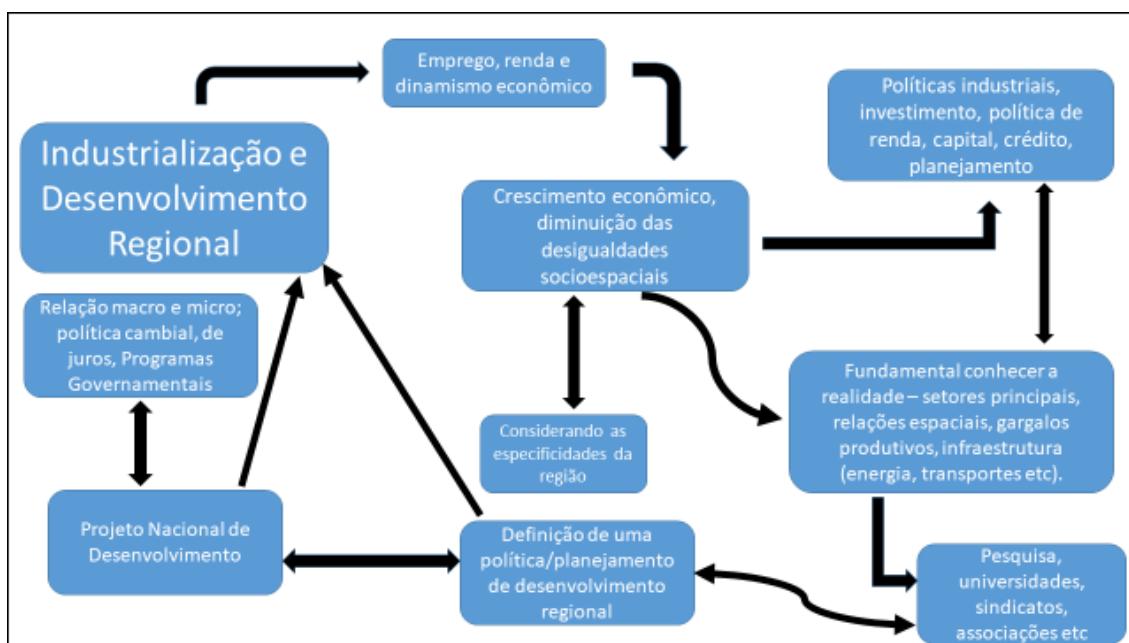
⁶ Existe um debate que procura diferenciar ou distinguir crescimento de desenvolvimento econômico. Nesse aspecto, concorda-se que “A regra, o que ocorre historicamente na maioria das vezes, é o crescimento da renda per capita implicar mudanças estruturais na economia e na sociedade. Distinguir crescimento de desenvolvimento econômico no plano histórico só faz sentido a partir de uma perspectiva teórica que supõe possível e frequente o aumento da renda per capita sem mudanças profundas na sociedade, quando isso só pode ocorrer em situações muito particulares. Nas situações normais, as mudanças tecnológicas e de divisão do trabalho que ocorrem com o aumento da produtividade são acompanhadas por mudanças no plano das instituições, da cultura, e das próprias estruturas básicas da sociedade. A partir da obra decisiva de Marx sobre o tema, esta interdependência entre as diversas instâncias de uma sociedade (tecnológica e econômica, cultural e institucional) tornou-se assente: nenhuma delas pode mudar sem que as outras também, mais cedo ou mais tarde, mudem. Não há consenso e não creio que seja possível definir de forma definitiva qual dessas instâncias é a mais estratégica, nem é possível prever quando a mudança em uma instância provocará mudança na outra, mas sua interdependência é um fato social indiscutível que torna duvidosa a conveniência de se distinguir crescimento de desenvolvimento econômico” (Bresser-Pereira, 2008, p. 03-04).

O processo de desenvolvimento é marcado por continuidades e descontinuidades, que permitem “[...] explicar as diversidades regionais, aquilo que também se costuma chamar de desigualdades ou desequilíbrios regionais” (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 23). Consequentemente, “As manifestações dos processos de produção, de consumo, de distribuição, de troca (circulação) são marcadamente diferenciadas espacialmente” (BRANDÃO, 2012, p. 54).

O fenômeno regional é sem dúvida manifestação da divisão territorial do trabalho no interior das nações, com bases naturais e econômico-sociais, e por isto mesmo também uma manifestação dos interesses em jogo das diferentes regiões que compõem a nação e por isto tem um papel político importante frente aos problemas que afetam a vida nacional. Deve-se acrescentar que para melhor entendê-las é preciso considerar as dimensões dos territórios nacionais, continentais ou pequenas. Isto torna o fenômeno regional no Brasil diferente das regiões no Uruguai ou na França, ou o fenômeno regional nos EUA ou na Rússia diferente daqueles que ocorrem na Geórgia ou na Armênia. Os espaços regionais também são diferentes comparando países centrais com os periféricos (MAMIGONIAN, 2019, p. 42).

Com o objetivo de elucidar o que se expôs até o momento, será apresentado, a seguir, um organograma, o qual explicita a questão regional-nacional, macro e micro, ou, dito de outro modo, o que se considera um caminho possível para (re) pensar o desenvolvimento regional.

Figura 1 -- Interfaces locais-regionais-nacionais e o papel do Estado



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Cano (2002), Brandão (2012) e Lamoso (2020 e 2022)

O desenvolvimento geoeconômico-regional pode ser entendido como um processo geográfico dinâmico, que visa (mediante planejamento e execução de projetos) a expansão da produção com distribuição de renda e aumento quantitativo e qualitativo das condições materiais (moradia, vestimenta, alimentação, transporte, infraestrutura) e não materiais (lazer, Cultura, arte, educação etc.) de existência da sua população em um determinado território.

Além disso, tal processo é levado a cabo por diferentes agentes sociais, que compactuam minimamente de interesses comuns, articulando políticas e projetos para integrar, desenvolver e dinamizar a região. Em outras palavras, busca-se minimizar as desigualdades socioespaciais.

A problemática em torno do desenvolvimento regional precisa estar dividindo debate com a discussão de projeto nacional. Considerando a dimensão territorial do Brasil e a sua diversidade geográfica, cada região possui dinâmicas peculiares, desafios e problemas que também lhe são próprios. O que conecta todas as regiões é a necessidade de planejamento/projetamento nacional, que será composto por projetos regionais de desenvolvimento, de acordo com as demandas de cada porção espacial. A solução dos impasses locais/regionais passa pela questão nacional e vice-versa. Por isso que

[...] é absolutamente indispensável a elaboração de uma nova Política Nacional de Desenvolvimento, sem a qual não se poderá formular nem políticas setoriais nem regionais. Isto decorre de duas questões. Primeiro, porque não se deve formular políticas específicas que não guardem a necessária compatibilidade entre si e entre o todo e suas partes. Segundo, porque entendo que o modelo econômico atual, de corte neoliberal, é incapaz de prover crescimento elevado e persistente, e de também prover o saneamento da grave crise social que passamos (CANO, 2002, p. 1).

Na mesma direção, Fresca (2010, p. 116) reforça o argumento ao afirmar que o desenvolvimento regional é uma temática complexa, o que demanda “[...] adentrar no entendimento de aspectos do processo de desenvolvimento nacional e das políticas de planejamento regional, no papel do Estado, nas discussões sobre distribuição de renda, nas diferenças regionais [...]”.

Evidentemente que tudo isso perpassa fenômenos e processos, tais como o papel do imperialismo, as contradições nos interesses das classes sociais, o avanço da concentração e centralização de capital, o progresso técnico etc. A visão holística da Geografia, que lhe é peculiar e a diferencia das demais ciências, permite uma explicação sofisticada da realidade. Nesse debate, o setor industrial e o processo de industrialização permeiam a discussão referente ao desenvolvimento econômico regional e planejamento/projetamento econômico.

Nessa primeira sessão, tentou-se demonstrar alguns aspectos do desenvolvimento regional que devem ser levados em conta, e que a indústria joga um papel central nesse processo que, por sua vez, necessita de um amplo planejamento e atuação do Estado, objetivando mitigar as desigualdades regionais. Assim, na sequência, discorrer-se-á sobre a dinâmica industrial de uma mesorregião do Paraná, que engloba esse contexto da necessidade de olhar as particularidades regionais, ao mesmo tempo que um projeto nacional se faz premente. Em outras palavras, os desafios locais demandam políticas nacionais.

Dinamismo Industrial do Sudoeste Paranaense pós anos 2000

Pode-se afirmar que o Sudoeste Paranaense apresenta um processo de industrialização e urbanização recentes, mais precisamente pós 1970 (FLORES, 2009; SAMPAIO, 2020). O desenvolvimento econômico da região provocou várias transformações geoeconômicas, como o crescimento da urbanização nos principais municípios, a modernização dos setores econômicos, a expansão agroindustrial, a ampliação da divisão territorial do trabalho, a consolidação das principais empresas em seus mercados de atuação, novas interações espaciais etc. Ou, em outros termos, a industrialização alçou a região a um novo e mais alto patamar de desenvolvimento.

A FSE do Sudoeste desenvolveu-se baseada na pequena produção mercantil, isto é, constituiu-se pela presença de pequenos agricultores, artesãos, pequenos comerciantes e, inclusive, pequenos industriais, principalmente ligados à exploração da madeira, fundamental para o surgimento dos primeiros núcleos urbanos e empreendimentos industriais (FLORES, 2009; CASARIL, 2014; CORRÊA,

1970). Tais combinações geográficas (CHOLLEY, 1964) estão diretamente associadas ao desempenho industrial da região atualmente.

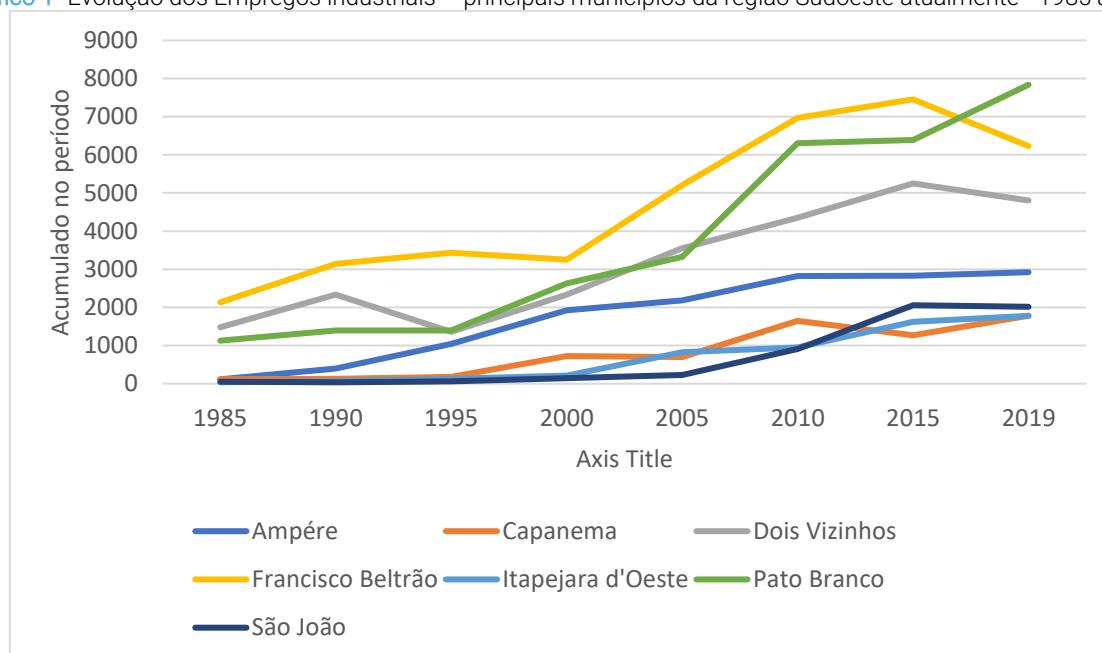
Alguns autores, na Geografia, já tiveram como objeto direto de suas pesquisas a indústria do Sudoeste Paranaense, como o trabalho de Flores (2009) sobre a industrialização na região, de Limberger (2010) sobre a Geografia Econômica da indústria de embalagens plásticas, de Saquet (2008) sobre o segmento de confecções, de Casaril (2014) sobre a rede urbana de Francisco Beltrão, e de Rodrigues (2008) sobre a industrialização e o setor moveleiro em Francisco Beltrão, citando os mais recentes.

Menciona-se, ainda, o livro organizado por Sampaio (2020), que reúne capítulos abordando a região em diversos temas: o povoamento, a formação e gênese da industrialização na região, o setor agroalimentar, a cadeia produtiva leiteira, a produção de soja e trigo, o cooperativismo, e as universidades públicas de Francisco Beltrão no contexto da economia local e regional.

Portanto, a gênese e a história da industrialização nessa região já foram exploradas por tais autores, cabendo, aqui, a tarefa de apresentar e elucidar as transformações mais recentes e as dinâmicas atuais da indústria na região, nos quais residem a intenção de contribuir para o debate e o avanço do trabalho científico.

A dinâmica geoeconômica da indústria regional se dá a partir da identificação de três fases de desenvolvimento. A primeira, compreendida de 1970 a 1990, foi um período que marcou a gênese e surgimento do setor no Sudoeste Paranaense, com o aparecimento de condições concretas (desintegração do complexo rural) ao desenvolvimento urbano. O segundo momento, de 1990 a 2005, deu conta do crescimento da indústria regional, marcado pela expansão do número de firmas, de empregos e incentivo fiscal de alguns municípios. Por fim, de 2005 a 2015, houve o período de consolidação do setor no Sudoeste, com crescimento expressivo das principais empresas, modernização das unidades produtivas e avanço das mesmas nos mercados interno e externo. Além disso, o setor vem apresentando uma tendência de consolidação dos ramos tradicionais (confecções, móveis, alimentos, metalúrgico) e crescimento de segmentos encadeados a estes últimos (SAGGIORATO, 2021).

Gráfico 1- Evolução dos Empregos industriais – principais municípios da região Sudoeste atualmente - 1985 a 2019

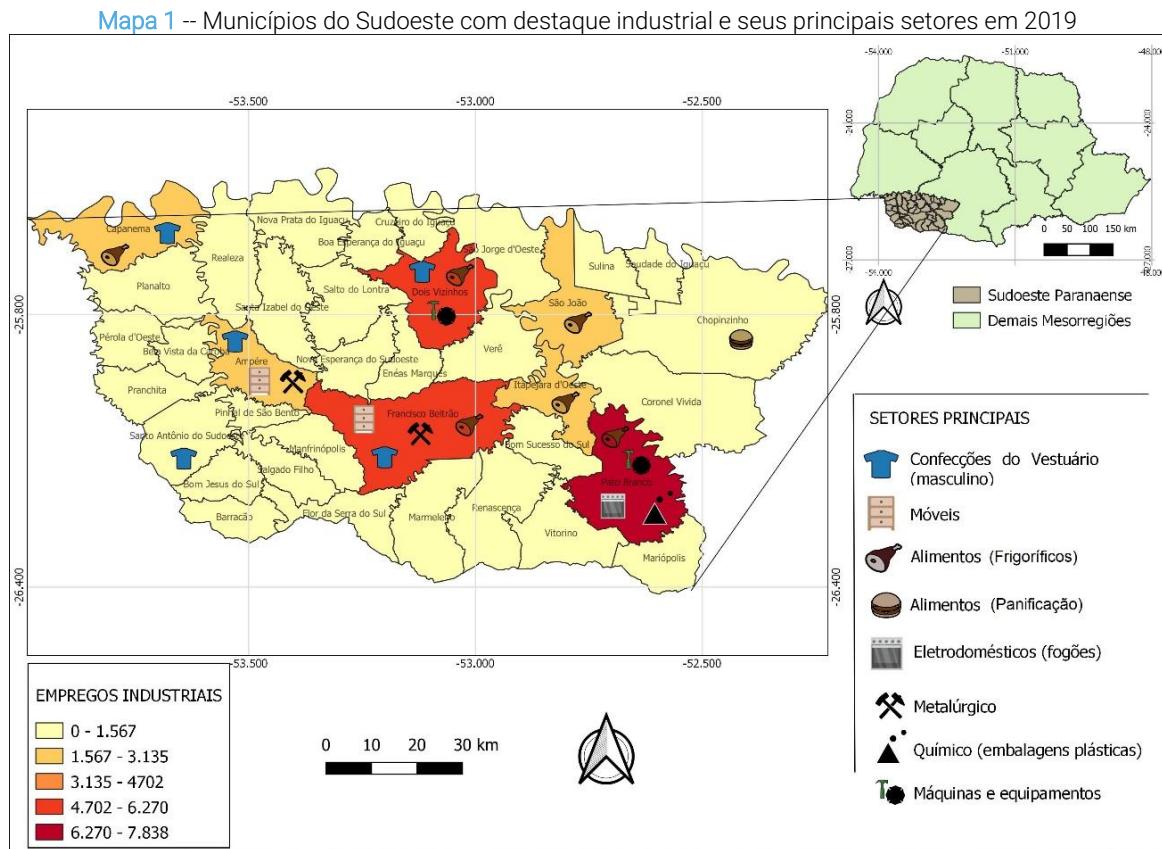


Fonte: RAIS. Organizado pelo autor, 2023

Como é possível notar no Gráfico 1, que mostra a evolução acumulada dos empregos industriais, Francisco Beltrão e Dois Vizinhos apresentaram uma queda semelhante nos empregos industriais depois de 2015. Uma das hipóteses é que isso esteja ligado ao fechamento do setor de abate de perus da BRF, que perdeu o mercado desse produto. Contudo, em maio deste ano foi anunciada a retomada do abate de Perus em Francisco Beltrão, cujo destino é o mercado mexicano, com previsão de criar 400 empregos diretos.

Os sete municípios selecionados no Gráfico 1 respondem, juntos, por 73,05% do VAB industrial e 68,98% dos empregos fabris da região (IBGE, 2018; RAIS, 2019), o que evidencia uma forte concentração da produção manufatureira do Sudoeste nessas porções territoriais.

Atualmente, nesse recorte espacial, há, por exemplo, municípios mais dinâmicos do ponto de vista industrial do que outros, e há municípios com atividades pouco complexas. Mesmo entre aqueles municípios onde a indústria ocupa papel de destaque, há diferenciações importantes sob o prisma dos setores da manufatura, como é possível verificar no Mapa 1⁷.



Fonte: RAIS, 2019. Organizado pelo autor, 2023

Milton Santos (1993, p. 53) expôs que, “Quanto maior a divisão territorial do trabalho, maior a propensão a consumir e a produzir, maior a tendência ao movimento e a mais criação de riqueza”. É isso que vem ocorrendo no Sudoeste nas últimas décadas, ou seja, uma forte ampliação da divisão social e territorial do trabalho por conta da industrialização.

⁷ Utilizaram-se dados de 2019, por entender que a pandemia do Covid-19 causou modificações na dinâmica regional, as quais necessitam ser analisadas em outro momento.

Em Dois Vizinhos, 65,66% dos empregos industriais pertencem à indústria de alimentos (principal empresa: Brasil Foods), seguido do setor de confecções, com 14,02% (Latreille Jeans), e de máquinas e equipamentos, com 4,55% (Kucmaq Máquinas e Equipamentos).

Já em Francisco Beltrão, a indústria de alimentos (Brasil Foods) concentra 45,36%; depois vem a fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos, com 9,10%, seguida do segmento de confecções, com 8,75% (Confecções Raffer), e da produção de móveis (Marel Indústria de móveis), com 6,02%.

No município de Pato Branco, a liderança é da fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (Atlas Eletrodomésticos), com 33,66%; na sequência, aparece a indústria de alimentos (Vibra Agroindustrial S.A/Tyson Foods⁸), com 23,47% dos empregos industriais; depois, a fabricação de produtos de borracha e material plástico (Inplasul Embalagens), com 12,15%, e então o setor de máquinas e equipamentos, com 6,38%.

Em Capanema, o setor de alimentos é ainda mais importante para a economia local. Nesse setor estão 77,01% dos empregos industriais (ou 1.384). Uma empresa, a DiFrangos S.A.⁹, em 2019, empregou 1.251 trabalhadores. Na sequência vem do setor de confecções, com 16,47% dos empregos na indústria do município.

O setor de alimentos é também o maior gerador de empregos formais em Itapejara D'Oeste, onde 85,88% (1.545) dos trabalhadores da indústria estão nesse setor. O Grupo Vibra Agroindustrial S.A/Tyson Foods também está presente nesse município, empregando 1.247 pessoas.

A dinâmica da agroindústria também é essencial no desenvolvimento do município de São João. Praticamente quase todos os empregos industriais são gerados na indústria de alimentos (96,67%). O setor tem um total de 1.951 trabalhadores, dos quais 1.788 estão empregados na Coasul Cooperativa Agroindustrial¹⁰.

Portanto, é plausível dizer que em Dois Vizinhos, Francisco Beltrão e Pato Branco a indústria de alimentos tem uma importância considerável nas suas economias, sobretudo os dois primeiros municípios, onde existem unidades da Brasil Foods (BRF).

Já nos municípios de Capanema, São João e Itapejara D' Oeste, a importância do setor alimentício é ainda maior, como exposto há pouco. Todos possuem uma grande indústria ligada ao abate de aves e segmentos encadeados à proteína animal. Principalmente os dois últimos, São João e Itapejara D' Oeste, expandiram sua industrialização no decorrer dos anos 2000, ganhando destaque na região Sudoeste.

Ampére distingue-se dos demais municípios, não estando relacionada diretamente com a indústria de alimentos. Nesse município, 44,50% dos empregos industriais estão no setor de confecções (principal empresa: Krindges S.A), seguido pelo setor de produção de móveis (Notável Móveis), com 35,34%, e da fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos, com 9,71% (GhelPlus) (SAGGIORATO e SAMPAIO, 2023). Quer dizer, analisar o setor produtivo permite visualizar um quadro mais claro dos diferentes papéis desempenhados pelos municípios na divisão territorial do trabalho e na lógica de acumulação de capital.

Dessa maneira, dentre os sete municípios que apresentam uma industrialização mais dinâmica na região, em seis deles o setor de alimentos é importante, figurando como o principal em São João,

⁸ Essa empresa iniciou com o nome de Agrogen, sediada em Montenegro, no Rio Grande do Sul, adquirindo o Frigorífico Frango Seva, de Pato Branco, em 2014. Posteriormente, a Agrogen passou a se chamar Vibra Agroindustrial, que, por sua vez, negociou 40% do grupo com a Norte americana Tyson Foods, em 2019 (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

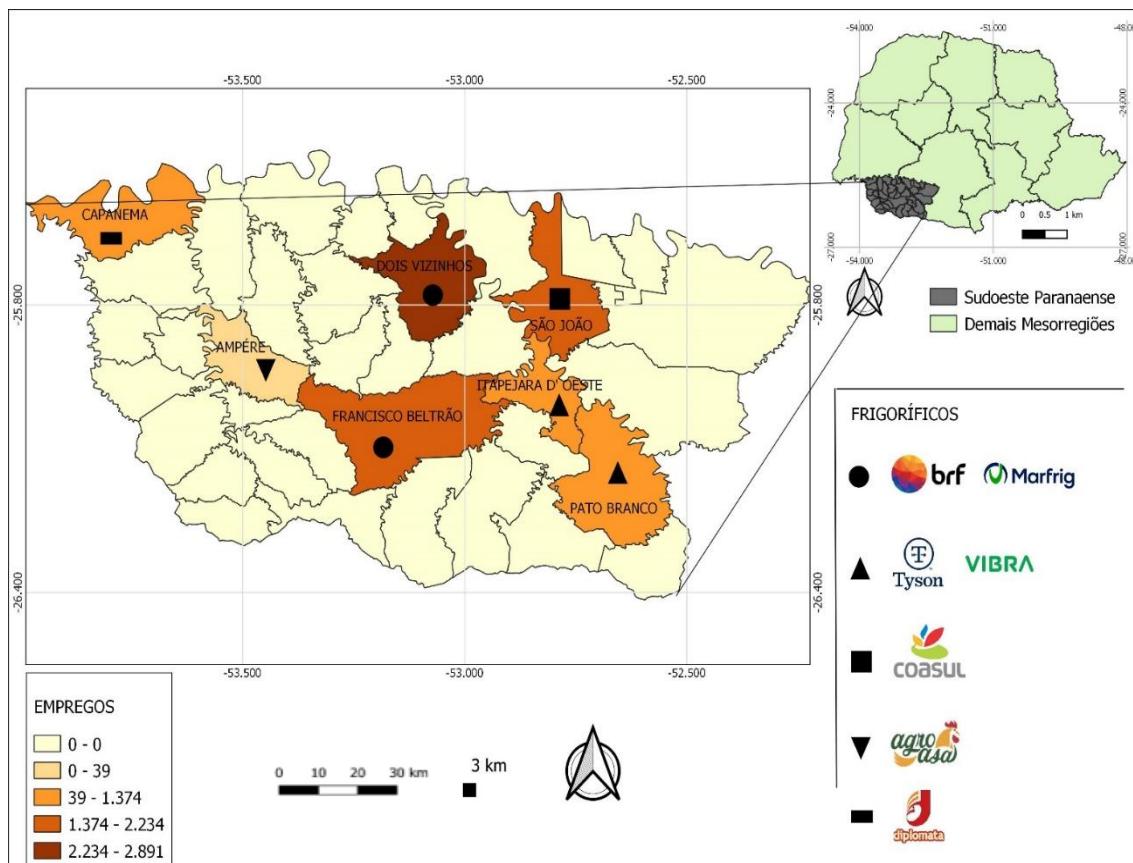
⁹ Antiga Diplomata, que havia entrado em falência em 2014 (PORTELA, 2016).

¹⁰ Para obter informações e detalhes sobre o surgimento e evolução da Coasul, ver Casaril (2014).

Itapejara D' Oeste e Capanema, ou um dos principais em Dois Vizinhos, Francisco Beltrão e Pato Branco.

De modo geral, a indústria de produtos alimentícios é o principal setor do Sudoeste¹¹, concentrando, além disso, 39,40% dos empregos fabris da região¹², estando presente com relevância em praticamente todos os municípios mais industrializados, como foi possível ver no Mapa 1. Verificando mais detalhadamente esse setor na região, pode-se destacar o abate de aves, que emprega 10.818 trabalhadores, ou seja, 67,99% do total da indústria alimentícia¹³.

Mapa 2 -- Localização dos principais frigoríficos de aves do Sudoeste Paranaense



Fonte: RAIS, 2019. Organizado pelo autor, 2023

O Paraná é o maior produtor e exportador de carne de aves do Brasil. Os empregos, de 2006 a 2019, praticamente dobraram, e a região Sudoeste foi a terceira mesorregião do estado que mais cresceu na geração de postos de trabalho nos frigoríficos.

¹¹"O desenvolvimento do setor agroalimentar no Sudoeste Paranaense é fruto da modernização da agricultura e da Divisão Territorial do Trabalho, no âmbito do processo de acumulação de capital no Brasil" (SAMPAIO e MEDEIROS, 2020, p. 97)

¹²Mencionando os principais, é seguido do setor de confecções do vestuário, com 7.445 trabalhadores (18,44%); Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos, com 3.189 (7,89%); Fabricação de móveis, com 2.296 (5,63%); Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos, com 2.117 (5,24%); Fabricação de produtos de borracha e material plástico, com 1.359 (3,36%); Fabricação de máquinas e equipamentos, com 1.277 (3,16%); Fabricação de produtos minerais não metálicos, com 1.226 (3,03%); e fabricação de produtos de madeira, com 1.115 (2,76%).

¹³Seguido da Fabricação de laticínios, com 1.288 empregos (8,10%); Fabricação de produtos de panificação industrial, com 656 (4,12%); Fabricação de alimentos para animais, com 617 (3,88%); Abate de bovinos, com 388 (2,44%); Preparação do leite, com 365 (2,29%); Abate de suínos, com 266 (1,67%); Moagem de trigo e fabricação de derivados, com 263 (1,65%); Fabricação de produtos de padaria e confeitaria, com 261 (1,64%); preparação de subprodutos do abate, com 209 (1,31%); e fabricação de massas alimentícias, com 163 (1,02%), citando os principais.

Esse processo não pode ser explicado apenas pela dinâmica regional, pois está inserido em uma lógica da economia mundial e das políticas nacionais de incentivo a determinados setores. Nos anos 2000, o aumento da demanda por matérias prima pela China, o maior consumo de proteína animal em várias áreas do globo elevou a necessidade de produção de alimentos no Brasil e em outros locais do globo. O Sudoeste Paranaense apresentou um significativo aumento da produção de soja e milho, base para a produção de ração animal, e também da produção de aves, em grande parte exportada para o Oriente Médio pela BRF" (SAMPAIO; MEDEIROS, 2020, p. 100-101).

Além disso, de modo geral, "Essa presença significativa do ramo alimentar na estrutura industrial brasileira decorre da constituição de grandes agroindústrias processadoras voltadas ao atendimento do mercado interno e externo" (ESPÍNDOLA, 1999, p. 16).

O dinamismo do setor de alimentos contribuiu para um salto significativo de empregos industriais no Sudoeste, saindo de 17.889 trabalhadores em 2002 para 40.371 em 2019. Houve um crescimento relativo de 125,67%, o segundo maior do estado nesse período, ficando atrás somente da região Oeste, que expandiu os empregos industriais em 144,11%, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 -- Empregos industriais por mesorregião do Paraná

	Mesorregião	Empregos industriais 2002	Empregos industriais 2019	Part. No estado	Cresc. Relativo 2002-19	Cresc. Absoluto
1	Metropolitana de Curitiba	157.455	216.661	31,96%	37,60%	59.206
2	Norte Central Paranaense	97.562	145.544	21,47%	49,18%	47.982
3	Oeste Paranaense	38.577	94.170	13,89%	144,11%	55.593
4	Noroeste Paranaense	30.978	53.837	7,94%	73,79%	22.859
5	Centro Oriental Paranaense	29.643	44.439	6,56%	49,91%	14.796
6	Sudoeste Paranaense	17.889	40.371	5,96%	125,67%	22.482
7	Norte Pioneiro Paranaense	15.536	27.881	4,11%	79,46%	12.345
8	Sudeste Paranaense	16.982	20.304	3,00%	19,56%	3.322
9	Centro-Sul Paranaense	17.900	18.216	2,69%	1,77%	316
10	Centro Ocidental Paranaense	7.847	16.447	2,43%	109,60%	8.600
	Paraná	430.369	677.870	100,00%	57,51%	247.501

Fonte: RAIS, 2019. Organizado pelo autor, 2023

Além da indústria de alimentos, outros setores também contribuíram para esse crescimento, uma vez que a indústria alimentícia não é o único segmento presente. Como ficou exemplificado na análise do Mapa 1, há diversos setores que possuem destaque, como confecções do vestuário, móveis e eletrodomésticos, e ainda outros intensivos em capital e não em mão de obra, como máquinas e equipamentos. Além do mais, boa parte desses setores citados são oriundos de capitais locais-regionais, até mesmo no setor de alimentos, como é o caso da cooperativa Coasul. Algumas empresas que surgiram na região ganharam projeção nacional, como a Atlas Eletrodomésticos (fogões), o Grupo Krindges (confecções do vestuário), Marel (móveis planejados), GhelPlus (pias e cubas) (SAGGIORATO, 2021).

Os setores industriais citados ao longo dessa seção demandam uma série de serviços e bens de outros segmentos, que muitas vezes estão presentes na própria região, causando efeitos de encadeamento ou transbordamento produtivo significativos. Exemplo disso são as empresas

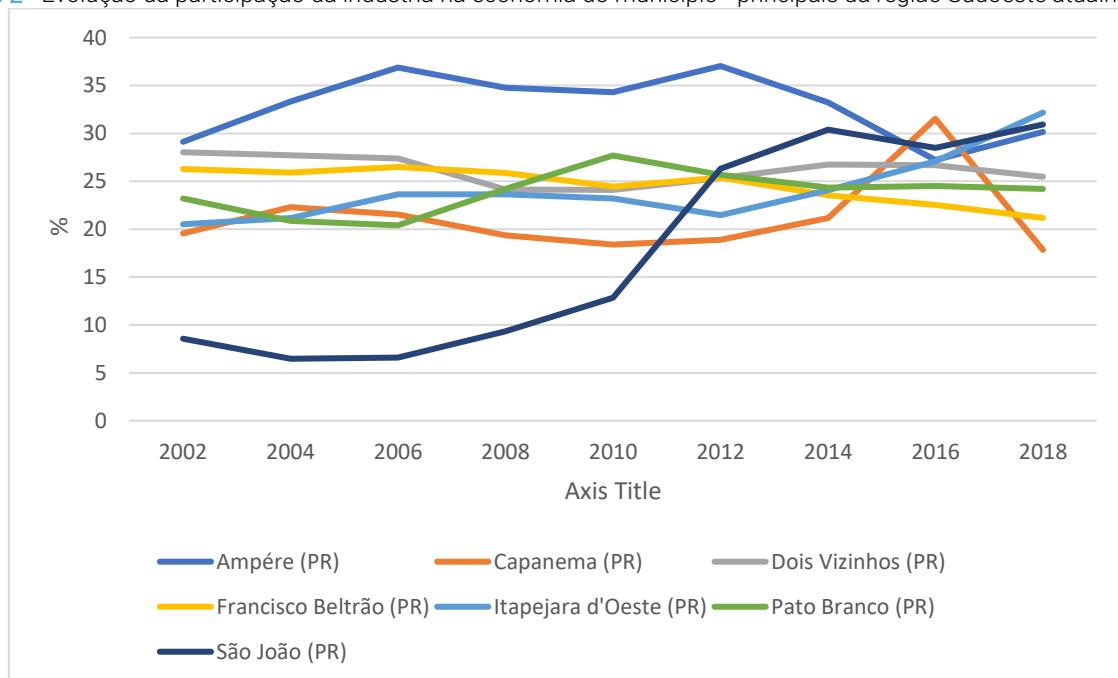
Kucmaq, de Dois Vizinhos, que produz equipamentos para frigoríficos, a Limber Software e a Softfocus, de Pato Branco¹⁴, especializadas no desenvolvimento de softwares para segmentos como cooperativas agrícolas e restaurantes, e também a MachD, empresa de máquinas que surgiu para atender a demanda da GhetPlus¹⁵, ambas localizadas em Ampére.

Dados da RAIS (CNAE 2. 0 Classe - 2019) relevam que na região 600 trabalhadores estão empregados no segmento de “Fabricação de máquinas e equipamentos para a agricultura e pecuária, exceto para irrigação” (4^a posição entre as mesorregiões do Paraná) e 205 empregados no setor de “Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias de alimentos, bebidas e fumo” (3^a posição), o que mostra um importante espraiamento produtivo do setor agropecuário. Além desses exemplos, surgiram diversas pequenas empresas nos municípios, que são fornecedoras de serviços e produtos para as indústrias prevalecentes na região, como empresas de transporte e logística, fornecimento de matérias-primas, componentes e peças, serviços de assistência técnica e comércios de insumos agrícolas entre outros, espalhados por toda a mesorregião, como é o caso do setor de “Comércio atacadista de animais vivos, alimentos para animais e matérias-primas agrícolas, exceto café e soja”, que emprega mais de 1.800 trabalhadores no Sudoeste (4^a colocação), e do setor de “Comércio atacadista de defensivos agrícolas, adubos, fertilizantes e corretivos do solo”, com 809 trabalhadores (3^a colocação).

Com o avanço do processo de industrialização e crescimento dos principais setores, a manufatura do Sudoeste alcançou importância na região, sendo hoje responsável por aproximadamente 1/3 dos empregos formais e pela composição do Produto Interno Bruto (RAIS, 2019; IBGE, 2018).

Os três municípios mais importantes - Pato Branco, Francisco Beltrão e Dois Vizinhos - centralizam 56,05% do VAB industrial do Sudoeste e 47,55% dos trabalhadores empregados nas fábricas da região (IBGE, 2018; RAIS, 2019).

Gráfico 2 - Evolução da participação da indústria na economia do município - principais da região Sudoeste atualmente (%)



Fonte: IBGE. Organizado pelo autor, 2023

¹⁴ Informações de trabalho de campo.

¹⁵ Para mais detalhes sobre essa empresa, ver Saggiorato (2021) e Saggiorato e Sampaio (2023).

A partir da análise do Gráfico 2, é possível pensar o debate sobre a desindustrialização de um ponto de vista mais aprofundado e assertivo. Pode-se dizer que tais números contrariam a tese de que ocorre uma desindustrialização geral no Brasil. Diferentemente dos dados nacionais, regiões como o Sudoeste apresentam ainda forte participação do setor manufatureiro na composição do PIB, um dos principais indicadores utilizados pelos economistas para identificar a desindustrialização brasileira.

O fator determinante que explica a dinâmica recente do setor industrial no Sudoeste Paranaense é a combinação de elementos externos e internos. Do lado externo, nos anos 2000 houve um aumento da demanda chinesa e de outras partes do globo por matérias-primas e proteína animal, o que fez crescer a necessidade de produção de alimentos no Brasil, impulsionando o desenvolvimento das agroindústrias do Sudoeste. Já em relação ao lado interno, o crescimento econômico nos melhores anos dos governos Lula-Dilma alavancou vários setores industriais por meio de políticas de aumento e distribuição de renda, valorização do salário mínimo, expansão do crédito, investimentos públicos e programas governamentais, como o Minha Casa Minha Vida, que beneficiou diretamente o setor moveleiro, políticas essas acompanhadas de estratégias empresariais, expansão das estruturas fabris e investimento em inovações por conta do crescimento da demanda interna (SAGGIORATO, 2021).

Adiciona-se a esses fatores internos e externos as características da própria FSE dessa região, propícia ao desenvolvimento industrial, como citado no início do tópico. As suas particularidades quanto à questão fundiária (pequenas propriedades) e à presença de comerciantes e artesãos que já desenvolviam atividades desse tipo, por exemplo, foram essenciais para que, no contexto mais amplo de condicionantes, o setor manufatureiro ganhasse relevância no Sudoeste Paranaense. Ou seja, trata-se de uma combinação das especificidades regionais com as conjunturas nacional e global.

Soma-se, ainda, a importante contribuição de Brandão (2012), ressaltando que nenhuma escala, individualmente, é mais importante que outra, mas é relevante pensar em alternativas de articulação das diversas escalas geográficas. Outrossim, é necessário a discussão da “[...]espatialidade dos problemas e implementar políticas levando em consideração a escala específica desses problemas, mas em um contexto em que esteja presente um projeto nacional de desenvolvimento” (BRANDÃO, 2012, p. 36).

Ainda de acordo com Brandão (2012), uma grande parte da literatura defende que a escala nacional perdeu importância, em uma crença das interligações diretas entre local e global, o que é falso. O autor chamou isso de “pensamento único localista” e que se trata de “simplismos ideológicos” (p. 29). Reafirma-se, portanto, a necessidade de pensar as questões nacionais e estruturais em conjunto com as regionais.

Considerações Finais

No geral, a indústria no Sudoeste apresenta-se consolidada, com empresas reconhecidas e com forte inserção dos seus produtos no mercado. A tendência é de avanço nos setores que podemos chamar de tradicionais da região, como alimentos, confecções, metalurgia em geral, móveis etc. e crescimento em setores correlatos e em novos setores, principalmente nos municípios mais industrializados da região, por ordem de importância - Pato Branco, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos e Ampére.

A indústria regional é concentrada em três municípios, Pato Branco, Francisco Beltrão e Dois Vizinhos, os quais centralizam, juntos, 56,05% do VAB industrial e 47,55% dos trabalhadores empregados nas fábricas. Municípios pequenos, como Ampére, São João, Itapejara D' Oeste e Capanema, apresentam um setor industrial interessante, porém, na maioria dos demais municípios, vem ocorrendo um decréscimo populacional e dificuldades de oferecer empregos urbanos mais atrativos.

Pato Branco é hoje o principal município industrial do Sudoeste, ultrapassando Dois Vizinhos e Francisco Beltrão depois de 2005. Possui o maior VAB industrial, o maior número de empregos e também diversos setores relevantes, com forte inserção no mercado, como indústria de embalagens plásticas, eletrodomésticos (fogões), montadora de placas eletrônicas, fabricante de implementos agrícolas, produção de carne de aves entre outros.

A indústria coloca o Sudoeste em fluxos produtivos de novo tipo, ou, em outras palavras, coloca-o em novas conexões geográficas. O papel desempenhado pela região na divisão territorial do trabalho e o processo de acumulação de capital são reorganizados com a industrialização, acompanhado da emersão de uma classe de pequenos e médios industriais e de mudanças na dinâmica econômica e urbana.

Verificou-se, ainda, que a mesorregião Sudoeste Paranaense passou por três fases de desenvolvimento da sua indústria, a gênese, a evolução e a consolidação, processos que ocorreram pós anos 1970. Essa periodização se faz necessária para entender as características/elementos que foram marcantes em cada fase, como elucidado no texto.

Contudo, evidentemente que esse processo de industrialização não ocorreu sem contradições, pelo contrário. Segundo Hirschman (1961, p. 108), “O desenvolvimento não é e nem pode ser equilibrado, mas sim é consequência e é marcado pelas [...] tensões, as desproporções e os desequilíbrios”. Uma das desproporções diz respeito ao desenvolvimento desigual das forças produtivas, visto que alguns municípios do Sudoeste e setores estão em estágios mais avançados do que outros.

Conforme a proposição de Santos (1997), referente ao uso do território, pode-se dizer que o território do Sudoeste é usado pelos agentes industriais de acordo com seus interesses, os quais materializam-se em objetos e ações. Obviamente, isso não é exclusividade dessa região, mas há contradições que guardam explicação na própria lógica de funcionamento do modo de produção capitalista. Há também a necessidade de ampliar a diversificação industrial da região para outros setores de maior complexidade tecnológica. Porém, essas e outras questões não serão superadas por forças endógenas, como foi mencionado no texto, sendo imperioso, nesse sentido, um projeto e políticas nacionais.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Antônio. (2012) *Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global.* 2ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. *Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).* Brasília, DF.
- BRESSER-PEREIRA L. C. *Crescimento e desenvolvimento econômico,* 2008 Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/papers/2007/07.22.CrescimentoDesenvolvimento.Junho19.2008.pdf>. Acesso em: 03/12/2023.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz. C. (2016) *A construção Política do Brasil:* Sociedade, economia e Estado desde a Independência. 3ª ed. São Paulo: Editora 34.
- CANO, Wilson. (2002) Questão Regional e Política Econômica Nacional. In: Castro, A.C. (Org) *Painéis sobre o desenvolvimento brasileiro.v.3,* BNDES.
- CANO, Wilson. A desindustrialização no Brasil. *Economia e Sociedade,* Campinas, v. 21, Número Especial, p. 831-851, dez. 2012.
- CASARIL, Carlos. C. *A Dinâmica da Rede Urbana de Francisco Beltrão – Paraná.* 2014. 454f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, SC, 2014.
- CÁRIO, Silvio Antonio Ferraz et al. *A dimensão regional da desindustrialização brasileira: uma contribuição ao debate nacional.* Uberlândia: Anais do III Encontro Nacional de Economia Industrial e Inovação – ENEI, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/44940>. Acesso em: 11/01/2024.
- CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 1ª parte, *Boletim Geográfico.* Nº 179, p. 139-145, Rio de Janeiro, 1964.
- CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 2ª parte, *Boletim Geográfico.* Nº 180, p. 267-276, Rio de Janeiro, 1964.
- CORRÊA, Roberto. L. O sudoeste paranaense antes da colonização. *RBG,* v.32, n.1, p. 87-98, jan./mar. 1970a.
- EGLER, Claudio. Que fazer com a Geografia Econômica Neste Final de Século? *Anais do Simpósio Internacional "Lugar sócio-espacial, mundo",* 1994.
- ESPÍNDOLA, Carlos José. (1999) *As Agroindústrias no Brasil:* o caso Sadia. Chapecó: Grifos.
- ESPÍNDOLA, Carlos José; SILVA, Marcos A. Formação Sócio-Espacial: um referencial aos estudos sobre industrialização (notas). *Experimental,* nº 3, p. 61-67, setembro, 1997.
- IBGE. (2018) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Industrial Anual-Empresa.
- FIORI, José. L. (2002) *60 lições dos 90:* Uma década de neoliberalismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- FOLHA DE S. PAULO. Tyson Foods compra fatia de 40% do Grupo Vibra e avança em aves no Brasil. São Paulo, 30 de Agosto de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/tysen-foods-compra-fatia-de-40-no-grupo-vibra-e-avanca-em-aves-no-brasil.shtml#:~:text=A%20Tyson%20Foods%20informou%20nesta,do%20setor%20de%20prote%C3%ADna%20animal>. Acesso em: 13/07/2022.
- FLORES, Edson. L. *Industrialização e Desenvolvimento do Sudoeste do Paraná.* Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Unioeste. Francisco Beltrão, p. 226. 2009.
- FRESCA, Tania. M. Centros Locais e Pequenas cidades: diferenças necessárias. *Mercator,* número especial, p. 75-81, dez, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. (2008) *Métodos e técnicas de pesquisa social.* São Paulo: Altas. 6ª ed.
- HIRATUKA Célio; SARTI, Fernando. Transformações na estrutura produtiva global, desindustrialização e desenvolvimento industrial no Brasil. *Revista de Economia Política,* vol. 37, nº 1 (146), pp. 189-207, janeiro-março/2017.
- HIRSCHMAN, Albert. (1961) *Estratégia do Desenvolvimento Econômico.* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.

- JABBOUR, Elias. M. K; DANTAS, Alexis. T; ESPÍNDOLA, Carlos, J. Considerações Iniciais Sobre a "Nova Economia do Projetamento". *Geosul*, Florianópolis, v. 35, n. 75, p. 17-42, mai./ago. 2020.
- JABBOUR, Elias. (2021) M. K.; GABRIELE, Alberto. *China: o socialismo do século XXI*. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo.
- KON, Anita. (1999) *Economia Industrial*. São Paulo: Nobel.
- LAMOSO, Lisandra Pereira. O Desenvolvimento Brasileiro em Questão: mutações, dicotomias e dinâmicas territoriais. *Geografia*, v. 44, n. 2, jul./dez, 2019.
- LAMOSO, Lisandra Pereira. (2020) Desafios da Desindustrialização Brasileira: para além das métricas, a necessidade do debate político. In: GOMES, Maria Terezinha Serafim; SPOSITO, Elizeu Savério (Orgs). *Questões Regionais e a Geografia Econômica: perspectivas e desafios contemporâneos*. Curitiba: CRV.
- LAMOSO, Lisandra Pereira. (2022) A Economia no Território: esboço sobre as possibilidades de reindustrialização à brasileira. In: VIEIRA, Alexandre Bergamin; MORETTI, Edvaldo Cesar; LAMOSO, Lisandra Pereira (Orgs). *Território, Economia e Política*. 1. ed. Porto Alegre, RS: TotalBooks.
- LANGE, Oscar. (1986) *Ensaios sobre Planificação Econômica*. São Paulo: Nova Cultural.
- LEWIS, William Arthur. (1966) *Development Planning: the essentials of economic policy*. London and New York: Routledge.
- LIMBERGER, Silvia Cristina. (2010) *A geografia econômica da indústria de embalagens plásticas: inovação tecnológica e dinâmica espacial*. 2010. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão.
- MAMIGONIAN, Armen. Visão geográfica do Brasil atual: estado, crises e desenvolvimento regional. *Revista Latino-Americana de Geografia Econômica e Social*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 7-44, jul/dez 2019.
- MARX, Karl. (1996) *O Capital: Crítica da economia política*. Livro primeiro, v.1, tomo 1. Col: Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural.
- MARX, Karl. (2008) *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução de Florestan Fernandes. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular.
- MEDEIROS, Marlon. C. Pactos de poder e política econômica: comparações Brasil-China. *Geosul*, v. 32, n. 63, p 269-286, Florianópolis, jan./abr. 2017.
- MORCEIRO, Paulo. C; GUILHOTO, Joaquim. J. M. (2019) Desindustrialização Setorial no Brasil. *IEDI* - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial.
- MORCEIRO, Paulo. C. (2019) Penetração dos insumos importados na indústria brasileira. *IEDI* - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial.
- OREIRO, José. Luis; FEIJÓ, Carmem. A. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. *Revista de Economia Política*, vol. 30, nº 2 (118), pp. 219-232, abril-junho/2010.
- PORTELA, Miguel. Frigorífico Falido volta a contratar no Paraná. *Estadão (Economia)*, São Paulo, 29 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/frigorifico-falido-volta-a-contratar-no-parana/>. Acesso em: 20/10/2022.
- RANGEL, Ignácio. Desenvolvimento e Projeto. *Revista da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais*, ano 5, nº 9, Belo Horizonte, janeiro-junho, 1956.
- RANGEL, Ignácio. (1987) *Elementos de Economia do Projetamento*. São Paulo: Editora Bienal, 2ª ed. [1959].
- RODRIGUES, Dennison. B. A Industrialização do Município de Francisco Beltrão/PR: o caso da indústria moveleira. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- SAGGIORATO, Bruno. *Dinâmica geoeconômica da indústria em Ampére-PR*. 2021. 213 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2021.
- SAGGIORATO, Bruno.; SAMPAIO, Fernando dos Santos. Dinâmica Geoeconômica da Indústria de Ampére, PR: evolução e consolidação. *Terr@ Plural*, [S. I.], v. 17, p. 1-23, 2023.
- SAQUET, Danielli Batistella. A expansão da indústria de confecções no sudoeste do Paraná. *Geosul*, Florianópolis, v. 23, n. 46, p 55-78, jul./dez. 2008.

- SAMPAIO, Fernando dos Santos (org). (2020) *Sudoeste Paranaense: geografia econômica e desenvolvimento regional*. Curitiba: CRV.
- SAMPAIO, Fernando dos Santos; MEDEIROS, Marlon Clovis. (2020) O setor agroalimentar e o desenvolvimento regional no Sudoeste Paranaense – 2000-2010. Cap. 4. P. 91-110. In: SAMPAIO, Fernando dos Santos (org). *Sudoeste Paranaense: geografia econômica e desenvolvimento regional*. Curitiba: CRV.
- SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, nº 54. São Paulo, junho, 1977.
- SANTOS, Milton. (1993) *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, Milton. (1996) O retorno do território. In: SANTOS, Milton.; SOUZA, Maria Adélia. Aparecida de.; SILVEIRA, Maria Laura. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec. p. 15- 20.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. (2001) *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record.
- SUZIGAN, Wilson. Estado e Industrialização no Brasil. *Revista de Economia Política*, v. 8, nº 4, São Paulo, out/dez, 1988.